



Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: Collage art, simple art, difference, multiplicity, singularity, surrealism

MAQUINAÇÃO DAS SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS: UMA CRÍTICA À IDENTIDADE EM NOME DA SINGULARIDADE

Gerson Bonfá Júnior  [0000-0001-6625-4191](#)

Centro Universitário do Espírito Santo (UNESC), Colatina, ES, Brasil

Resumo

Este artigo explora os mecanismos através dos quais as subjetividades são controladas pelo poder em operações de individuação transcendente. Com objetivo de pensar em resistências a essas operações de captura do poder, utilizamos um repertório conceitual articulado a partir de Nietzsche, Foucault, Deleuze e Guattari. Através dessa exploração bibliográfica, apresentamos como as sociedades se constituem como fábricas equipadas com máquinas e tecnologias de assujeitamento, sendo o que muda ao longo do tempo é o modo de operar e o maquinário de que dispõem. No contexto ocidental contemporâneo, a máquina capitalista vigora nessa relação tecnologia-sujeito, cuja principal conexão é o poder e o desejo. O movimento desse texto articula conceitos para violentar determinadas imagens do pensamento cuja práxis serve às maquinarias de subjetivação que tomam para si os fluxos desejantes dos sujeitos. Conclui-se que é necessário cultivar a vida com critérios éticos que não levem em consideração sistemas de juízo transcendentais, metafísicos ou morais, mas critérios de intensidade que partem do reconhecimento de que não na conservação, mas na diferenciação imanente se fortalece a vida. Assim, apostamos na atividade afirmativa de uma existência que, para além dos ideais modelizantes, toma a si como princípio de singularização numa experiência de automodelagem subjetiva.

Palavras-chave

Subjetividade, singularidade, imanência, resistência, desejo.

MACHINATION OF CONTEMPORARY SUBJECTIVITIES: A CRITIQUE OF IDENTITY IN THE NAME OF SINGULARITY

Abstract

This article explores the mechanisms through which subjectivities are controlled by power in operations of transcendent individuation. In order to think about resistance to these operations of capturing power, we use a conceptual repertoire articulated from Nietzsche, Foucault, Deleuze and Guattari. Through this bibliographical exploration, we present how societies are constituted as factories equipped with machines and subjection technologies, and what changes over time is the way they operate and the machinery they have at their disposal. In the contemporary Western context, the capitalist machine prevails in this technology-subject relationship, whose main connection is power and desire. The movement of this text articulates concepts to violate certain images of thought whose praxis serves the subjectivation machinery that takes the subjects' desiring flows for themselves. It is concluded that it is necessary to cultivate life with ethical criteria that do not take into consideration transcendent, metaphysical or moral systems of judgment, but criteria of intensity that start from the recognition that life is strengthened not through conservation, but through immanent differentiation. Thus, we bet on the affirmative activity of an existence that, beyond modeling ideals, takes itself as a principle of singularization in an experience of subjective self-modeling.

Keywords

Subjectivity, Singularity, Immanence, Resistance, Desire.

Submetido em: 31/03/2024
Aceito em: 24/06/2024

Como citar: BONFÁ JUNIOR, Gerson. Maquinação das subjetividades contemporâneas: uma crítica à identidade em nome da singularidade. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. e51949, jan./jun. 2024.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0](#).

Introdução

Aos modos de Nietzsche, quando diagnosticou a decadência do “rebanho” de sua época para sugerir uma superação do homem, buscamos identificar modos alienantes que estão se processando no contemporâneo e oferecer estratégias de resistência e autonomia. O movimento desse texto busca, pois, articular conceitos para violentar determinadas imagens morais do pensamento cuja práxis serve às maquinarias de subjetivação que tomam para si os fluxos desejanos dos sujeitos. Assim, nos colocamos a questão: Como resistir ao presente? Como consistir um modo de vida ativo capaz de furtar-se às modelagens de existência do nosso tempo?

Este artigo é uma revisão de literatura, com objetivo exploratório e análise qualitativa. Foram selecionadas obras de pensadores da imanência, filosofia da diferença e pós estruturalismo, para responder ao problema de criar estratégias de resistência aos processos de subjetivação alienantes no contemporâneo. Os autores escolhidos foram Nietzsche, Foucault, Deleuze, Guattari e Lazzarato. Os conceitos que serão articulados nesse artigo são: Subjetivação, Imanência, Singularidade, Desejo, Antiprodução, Sociedade do controle, Transvaloração, Linhas de fuga e Espírito livre.

As noções de *singularização* e de *plano de imanência* são a base fundamental de investigação deste artigo, são aquelas que poderíamos falar que se trata do nosso “objeto” de análise. Todavia, vale dizer, a singularidade não é um objeto que possa ser medido pela ciência. Mesmo nas ciências mais exatas, como matemática, física ou geometria, a singularidade diz respeito ao princípio de criação relacionado ao infinito, aquilo que por excelência não pode ser mensurado ou previsto, o que frequentemente leva a discussão para um viés metafísico ou artístico. Por singularidade entendemos um princípio móvel de diferenciação e expansão inerente à multiplicidade da vida. O esforço deste trabalho teórico está em pensar em modos de fazer a manutenção dessa dinâmica de realização múltipla e imanente em nós. O desafio é entender como ela se manifesta na subjetividade humana, o que a impede, o que a impulsiona, o que a leva para caminhos de morte ou vida, como ela encarna no sujeito através dos devires.

Acreditamos que o potencial criativo do processo de singularização vai sendo perdido aos poucos ao longo da vida, sendo aprisionado sob uma trama pessoal, um roteiro individual composto pelas fantasias subjetivas, por roupas de palavras, tecidos de signos costurados ao longo do tempo. Assim, as noções de identidade, individuação e transcendência, sendo movimentos contrários aos de singularização e imanência, se afiguram como o conflito com o qual lidamos ao longo de todo o texto. A partir da análise filosófica, sociológica e psicológica feita dos processos de subjetivação no contemporâneo, acreditamos que seja necessário cultivar a vida com critérios éticos que não levem em consideração quaisquer sistemas de juízo transcendente, metafísico ou moral, mas critérios de intensidade que partem do reconhecimento de que não na conservação, mas na diferenciação se fortalece a vida. Deste modo, ao sugerir uma vida ativa, apostamos na atividade afirmativa de uma existência que, para além dos ideais modelizantes, toma a si como princípio de criação ou singularização numa experiência de automodelagem subjetiva.

1. Individualidade x Singularidade, Transcendência x Imanência

Começamos colocando o problema com o último texto de Gilles Deleuze, decerto o mais complexo e fecundo para pensar o tema da imanência. No pequeno texto "Imanência, uma vida...", escrito pouco antes de cometer suicídio, Deleuze sintetiza, como quem busca lançar um olhar derradeiro à própria obra, a questão em torno da qual conceituou noções fundamentais para esse estudo, como individuação, singularização e imanência. Depois de uma longa trajetória intelectual, na qual remontou a autores como Nietzsche, Spinoza, Bergson, Hume, entre outros, para articular uma filosofia da diferença, Deleuze se lança novamente à questão primordial que atravessa toda a sua obra, que é pensar o sujeito em sua relação de fuga das transcendências modelizantes em direção a um plano de imanência que seria o movimento de singularização próprio da vida.¹

O que é a imanência? uma vida... [...] A vida do indivíduo deu lugar a uma vida impessoal, mas singular, que desprende um puro acontecimento, liberado dos acidentes da vida interior e da vida exterior, isto é, da subjetividade e da objetividade daquilo que acontece. [...] Trata-se de uma hecceidade, que não é mais de individuação, mas de singularização: vida de pura imanência, neutra, para além do bem e do mal, uma vez que apenas o sujeito que a encarnava no meio das coisas a fazia boa ou má. A vida de tal individualidade se apaga em favor da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora ele não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida...²

A imanência é o fluxo da vida, é todo o possível, o potencial ou a virtualidade de tudo o que pode ser criado. A imanência comporta inúmeros acontecimentos por vir. Sempre que estamos vindo a ser algo novo, nos tornando diferentes do que somos, estamos, temporariamente, consistindo nosso plano de imanência. Mas para falar de consistência de um plano de imanência, de criação, de diferenciação, é preciso entender o seu conflito, aquilo que limita e barreira a qual se deve resistir e escapar, isto é, os valores transcendentais que buscam controlar a vida. O que impede os movimentos nômades que dão consistência à imanência é o eu fixado ao ideal transcendente, amarrado a um modelo exterior. Imanente se refere ao interno, ao que emana como fluxo de dentro pra fora. Transcendente, por sua vez, se refere ao externo, ao que vem como modelo de fora e se fixa dentro. O verbo que diria do movimento da imanência é "criar", ao passo que o da transcendência é "copiar". A sensação, por exemplo, é imanente, antecede a elaboração conceitual e somente depois se expande ao fora através da expressão. Já a lei, a moral, ou quaisquer modelos dados de interpretação e conduta são transcendentais, operam uma contração e raramente uma expansão. A imanência multiplica e distribui, ao passo que a transcendência tem uma tendência de estruturar, unificar e totalizar.

O plano de imanência é composto por singularidades, as quais, quando liberadas da individuação transcendente, disparam ou emanam os fluxos de devires que vêm a consistir, quando positivados numa ética, um acontecimento ou produção de sentido na imagem do pensamento do sujeito que, por sua vez, se expande e se distribui nessa atualização da potencialidade. A filosofia da diferença poderia ser chamada de filosofia

¹ Dosse, *Deleuze & Félix Guattari*.

² Deleuze, *A imanência: uma vida...*, pp. 10-18.

da imanência, ou da singularidade, do devir, do acontecimento, bem como a esquizoanálise, sua aplicação clínica, poderia ser chamada de análise da singularidade ou da diferença, e assim por diante. São conceitos ligados entre si e que se pressupõem, embora um possa vir antes ou depois do outro no movimento geral da singularização. São noções que remetem ao princípio de criação, que na psicologia de influência pós-estruturalista vem a ser a produção de sentido e expressão frente a experiência de automodelagem subjetiva, famosa sob as máximas "criação de si como obra de arte" ou "poeta da própria existência".

Neste artigo queremos sugerir a produção de uma subjetividade que está em multiplicidades de processos, e não uma que parta de um indivíduo, de um ego totalizante, um centro fixo. Acreditamos que a forma do eu precisa ser refeita, porque ela é constituída pelas morais que precisam dela para nos controlar, e para criar essa identidade em nós nos implantam um modelo transcendente que tampona nosso campo criativo com o peso de um ego rígido a impedir a passagem dos devires e acontecimentos no plano de imanência.

Há dois extremos da subjetividade: o da alienação, opressão, dominação, e, no lado oposto, a singularização, a criação, a expressão. Para Félix Guattari, parceiro de empreitada de Deleuze, existem essas duas direções por meio das quais uma subjetividade pode seguir. Nas palavras dele, o modo de vida do indivíduo

[...] oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, no qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização.³

Queremos mostrar que não existe uma unidade da pessoa, um "Eu" unificado, mas apenas uma imitação, uma tentativa de unificação, pois, conforme Guattari, "o indivíduo, o ego ou a política do ego, a política da individuação da subjetividade, são correlativos de sistemas de identificação os quais são modelizantes".⁴ Todavia, Guattari nos alerta que não podemos cair num mito de singularidade primária isolada dos vetores transcendentais de individuação.⁵

Conhecer os vetores, as camadas, os filtros, as fantasias, é um caminho necessário, não para se encaixar na estrutura, mas para a desfazer e redistribuir, uma vez que o que vai caracterizar um processo de singularização é "que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas".⁶ Captar os elementos do contexto modelizante para o subverter consistiria em identificar as tecnologias de dominação do poder, cuja operação não é senão uma produção de subjetividades em série. Uma vez que se percebe fantasiado sobre as esteiras do poder é possível, enfim, "livrar-se dessa espécie de redundância, de

³ Guattari; Rolnik, *Micropolítica*, p. 42.

⁴ Guattari; Rolnik, *Micropolítica*, p. 47.

⁵ Cf. Guattari; Rolnik, *Micropolítica*, p. 46: "Pode acontecer de processos de singularização portadores de vetores do desejo encontrarem processos de individuação social, de culpabilização e de entrada na lei dominante. Creio que a relação entre singularidade e individualidade fica melhor colocada dessa forma, e não numa disjunção absoluta, que implica o mito de um retorno à singularidade pura, a uma pura conversão ao processo primário."

⁶ Guattari; Rolnik, *Micropolítica*, p. 55.

serialidade, de produção em série da subjetividade, de solicitação permanente a voltar ao mesmo ponto".⁷

A esse respeito, Michel Foucault é um grande aliado para nos ajudar a entender como o poder veio operando os regimes de dominação para fabricar subjetividades ao longo do tempo. Se pensarmos com Foucault, cuja obra não foi senão "criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos",⁸ e considerarmos que o poder nos domina "impondo-nos uma individualidade, uma identidade",⁹ precisamos primeiro compreender que nós, enquanto indivíduos assujeitados, não podemos ser fundamento para a resistência, uma vez que precisamente nós, enquanto indivíduos identitários, somos produto do poder.

Creio que, hoje, a individualidade é completamente controlada pelo poder e que nós somos individualizados, no fundo, pelo próprio poder. Dizendo de outro modo, eu não creio que a individualização se oponha ao poder, mas, pelo contrário, eu diria que nossa individualidade, a identidade obrigatória de cada um, é efeito e instrumento do poder, e o que este mais teme é: a força e a violência dos grupos.¹⁰

Trata-se de uma despolitização por meio da individualização, um investimento político no qual o poder nos produz e domina como indivíduos dotados de identidade. Mas as maneiras através das quais o poder opera essa subjetivação individuada variam e se atualizam como qualquer tecnologia. As sociedades se constituem como fábricas equipadas com máquinas e tecnologias de assujeitamento, o que muda ao longo do tempo é o modo de operar dessas fábricas e o maquinário de que dispõem para produzir determinadas subjetividades ao homem. Em *Vigiar e punir*, Foucault nos mostrou que, nos séculos XVIII, XIX e no início do século XX, as sociedades ocidentais se compunham como *sociedades disciplinares*, sendo o confinamento a condição basilar para o assujeitamento do homem.¹¹ Precisava-se, sobretudo, da estadia dos sujeitos em meios fechados, como casa, escola, fábrica, hospital, prisão, etc., a partir de onde os corpos são docilizados. O confinamento, em outros termos, constituiu nas sociedades disciplinares a condição privilegiada para o pleno exercício do poder.

Mas hoje, no século XXI, tais tecnologias estão avançadas, a sociedade disciplinar veio sendo sofisticada ao que Deleuze chamou *sociedades de controle*,¹² cuja principal operação sobre os sujeitos intervém sobre seus processos desejantes, ou seja, as maquinarias do poder já não precisam confinar os corpos em espaços-tempos pré-determinados para os dominar, uma vez que passou a os controlar em campo aberto. As sociedades, no entanto, não deixaram de ser disciplinares para se tornarem de controle, ambos os modos de subjetivação coexistem. Tal como um sistema operacional da computação continua sendo usado mesmo após suas novas versões terem sido lançadas, os antigos sistemas de dominação do poder continuam sendo processados junto às novas tecnologias de sujeição.

⁷ Guattari; Rolnik, *Micropolítica*, p. 63.

⁸ Dreyfus; Rabinow, *Michel Foucault*, p. 273.

⁹ Foucault, *Dits et écrits*, p. 662, tradução nossa.

¹⁰ Foucault, *Dits et écrits*, p. 663, tradução nossa.

¹¹ Foucault, *Vigiar e punir*.

¹² Deleuze, *Conversações*, p. 219.

Sigamos, pois, explorando as principais maquinarias contemporâneas, analisando as maneiras através das quais o poder fabrica nossa subjetividade dando unidade àquilo que chamamos "Eu", para que assim possamos identificar aquilo que nos afasta de nossa capacidade de nos criar.

2. O Eu à imagem e semelhança de Deus: da cópia sobre o pedestal

O que faz perdermos nossa singularidade são os modelos os quais imitamos, o que nos faz ser copiadoreiros do outro e não criadores de nós.¹³ A história da criação do clero revela o esforço de apagar a singularidade das pessoas para obter a obediência delas. As religiões do ocidente criam uma doutrina dualista de um Deus transcendente e ausente para a igreja exercer poder sobre o rebanho. Curiosamente, um mito com máximas de imanência, tais como, "Eu estou no Pai e o Pai está em mim... O Pai está em vós e vós estais no Pai... Vós sois deuses... Vós sois a luz do mundo... O Reino de Deus está dentro de vós", é transformado numa religião transcendente.

O poder eclesiástico separou o Deus do homem e impediu que o homem pudesse ter um acesso direto a Deus. Os fiéis precisam ser dóceis aos seus pastores e sacerdotes, os quais fazem a intermediação deles com Deus. Ao longo do tempo, esse saber mitológico é manipulado pelos tiranos para controlar o povo. O reino de Deus, que estava dentro do homem, que por sua vez era o próprio Deus, passa a estar no céu, e assim surgem pessoas responsáveis para controlar as condutas e vigiar os desejos para lhes permitir ou não o acesso. Assim, só é possível chegar ao reino divino com a obediência a uma série de normativas, o juízo de Deus. Não é à toa que o criador do clero foi um imperador, Carlos Magno, que ganhou poder e se tornou imperador justamente a partir da criação do clero. Criou seu império criando e controlando quem controla o desejo das pessoas.¹⁴

Não sem razão Nietzsche afirma que o cristianismo é um platonismo para as massas.¹⁵ Tomemos aqui o famoso exemplo da caverna de Platão. Usemos a interpretação que enxerga o interior da caverna como uma metáfora para o sensível (o corpo, o não pensante, a ignorância da escuridão, a aproximação com o animal) e o exterior da caverna como uma metáfora para a inteligência (a ideia, o discernimento da luz, a aproximação com Deus). O movimento platônico consiste em distinguir a essência e a aparência, sendo o intelectivo a ideia ou a cópia dessa essência ou modelo, e o simulacro um erro de reprodução: a cópia seria o autêntico, e o simulacro não.

Como Deleuze mostra no paradoxo sobre "Platão e o simulacro", no livro *Lógica do sentido*:

As cópias são possuidoras em segundo lugar, pretendentes bem fundados, garantidos pela semelhança; os simulacros são como os falsos pretendentes, construídos a partir de uma dissimilitude [...] Podemos então definir melhor o conjunto da motivação platônica: trata-se de selecionar os pretendentes, distinguindo as boas e as más cópias ou antes as cópias sempre bem fundadas e os simulacros sempre submersos

¹³ Deleuze, *Lógica do sentido*.

¹⁴ Rohden, *Roteiro Cósmico*.

¹⁵ Nietzsche, *Além do bem e do mal*.

na dessemelhança. Trata-se de assegurar o triunfo das cópias sobre os simulacros, de recalcar os simulacros, de mantê-los encadeados no fundo, de impedi-los de subir à superfície e de se 'insinuar' por toda a parte.¹⁶

Podemos entender que no movimento platônico, que equivale ao cristão, seleciona-se as imagens do pensamento através do critério da identidade ideal, do modelo de ser e pensar, e nisso deixa de modo encoberto no inconsciente todas as imagens destoantes, os simulacros, uma vez que esses sujariam a imagem do modelo ideal. "A cópia é uma imagem dotada de semelhança, o simulacro, uma imagem sem semelhança. [...] Deus fez o homem a sua imagem e semelhança, mas, pelo pecado, o homem perdeu a semelhança embora conservasse a imagem."¹⁷ Mancha-se a "essência", a "alma", o "espírito", a consciência que deveria estar de acordo com o juízo de Deus. Disso tem-se vergonha do simulacro e se tenta escondê-lo, dando a ele um caráter de fantasma que cometeu uma subversão contra o pai.

Tudo o que não é uma boa cópia do ídolo, tudo que não é minimamente feito à imagem e semelhança do pai, tudo que macula a imagem de Deus é morto e torna-se de alguma maneira um insuportável fantasma desfigurado no porão da consciência. Esse é um dos movimentos principais que o poder usa para controlar nosso desejo: nos oferece ídolos ou deuses os quais tomamos como modelo a ser imitado, modelos transcendentais, acima do humano, perfeitos, impossíveis de serem alcançados. Os dois maiores poderes produtores de subjetividades a que estamos tentando resistir aqui operam dessa forma, muito embora com estratégias diferentes, uma vez que o capital produz uma série cada vez maior de ídolos a serem consumidos e imitados, e a religião cristã, apenas um Deus do qual somos feitos à imagem e semelhança, que devemos manter a todo custo.

3. O homem na esteira da máquina capitalista

Quando o pedestal se quebra, nos afastamos do Deus transcendente e voltamos a ter contato com a terra, com as raízes, com a imanência. Mas quando a ciência moderna enfraquece Deus e o campo da arte acaba com a escultura e o pedestal,¹⁸ havendo uma falência do absoluto divino e concreto em proveito da subjetividade pessoal e abstrata, o capital tão logo vende os mais variados ídolos humanos. Mas não nos enganemos, não é porque o modelo não é mais único que os sujeitos se livram da transcendência, como Guattari sugere, a subjetividade produzida pelo capitalismo também é "serializada, normalizada, centralizada em torno de uma imagem, de um consenso subjetivo referido e sobrecodificado por uma lei transcendental."¹⁹

De acordo com Deleuze, nas sociedades de controle – com os computadores, os smartphones, a internet e o avanço do marketing – enredamos nosso desejo a regimes de signos cada vez mais ideais ou transcendentais. A dinâmica mudou, os poderes que dependem da produção e manutenção de específicos modos de subjetividade, agora, neste novo cenário, precisam vender tais modos de vidas ideais para atraírem para si o nosso desejo. Se antes, nas sociedades que operavam sobretudo através do modelo disciplinar,

¹⁶ Deleuze, *Lógica do sentido*, p. 262.

¹⁷ Deleuze, *Lógica do sentido*, p. 263.

¹⁸ Cf. Maderuelo, *La pérdida del pedestal*.

¹⁹ Guattari; Rolnik, *Micropolítica*, p. 48.

um jovem, por exemplo, via-se forçado a frequentar uma escola onde se qualificaria com um "saber fazer", hoje ele poderia se furtar a esse espaço, quem sabe por inspiração de um ídolo da informática que abandonou as instituições educacionais e fez uma fortuna trabalhando em seu aplicativo. Contanto que esse jovem arrume seus meios de produzir e consumir, por mais que sua casa e o Estado (essencialmente disciplinares) reprovem e busquem reprimir tal comportamento, a grande máquina capitalística (essencialmente de controle) ficará satisfeita em tê-lo em sua esteira semiótica.²⁰

Nas sociedades de controle o poder interpenetra os espaços, instaura um tempo contínuo, deixando-nos enredados numa espécie de formação constante, prisioneiros em campo aberto. Para Deleuze, a operação do controle está em toda parte, pois a linguagem do controle "é feita de cifras, que marcam o acesso ou a recusa a uma informação".²¹ Introduzindo cifras, certos códigos, determinados regimes de signos, enfim, é que as sociedades de controle gerenciam a subjetivação de acordo com suas precisões, ao passo que desenham as linhas a partir das quais fundamos o modo de enxergar e desejar a vida. Segundo Deleuze e Guattari, "o desejo nada tem a ver com uma determinação natural ou espontânea, só há desejo agenciando, agenciado, maquinado".²² Nas sociedades de controle usa-se, pois, um poder que incita, que produz modos de vida almejados, isto é, um poder que opera via gestão do desejo.

No contexto ocidental contemporâneo, tão marcado pelo capitalismo, esse modo de subjetivação nos salta aos olhos, pois a máquina capitalista vigora nessa relação tecnologia-sujeito, cuja principal conexão é o poder e o desejo. Segundo Deleuze e Guattari, o que é imprescindível para o pleno funcionamento do capitalismo não é o capital, como quer Marx,²³ mas antes e sobretudo as subjetividades que desejam este sistema.²⁴ Um exemplo disso, como mostram Guattari e Rolnik, é que,

Quando uma potência como os Estados Unidos quer implantar suas possibilidades de expansão econômica num país do assim chamado Terceiro Mundo, ela começa, antes de mais nada, a trabalhar os processos de subjetivação. Sem um trabalho de formação prévia das forças produtivas e das forças de consumo, sem um trabalho de todos os meios de semiotização econômica, comercial, industrial, as realidades sociais locais não poderão ser controladas.²⁵

Antes de mais nada, produzem o *american way of life*:²⁶ convidam os sujeitos para o show do consumo, fazem acreditar que é qualidade de vida e, por conseguinte, engendram a primazia do bem-estar econômico. A máquina capitalista é uma máquina semiótica, de linguagem organizada essencialmente por signos, que nos faz desterritorializar, ao passo que oferece outros territórios; faz descodificar, ao passo que nos oferece outros códigos; nos faz diferenciarmos, ao passo que captura nossos fluxos

²⁰ Deleuze, *Conversações*.

²¹ Deleuze, *Conversações*, p. 226.

²² Deleuze; Guattari, *Mil Platôs*. Vol. 5, p. 78.

²³ Cf. Marx, *O Capital*.

²⁴ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs*. Vol. 2.

²⁵ Guattari; Rolnik, *Micropolítica*, p. 36.

²⁶ O *american way of life* (estilo de vida americano) foi desenvolvido na década de 1920, amparado pelo bem-estar econômico de que desfrutavam os Estados Unidos. O sinal mais significativo deste *way of life* é o consumismo, materializado na compra exagerada de eletrodomésticos e veículos.

desejantes. Não à toa Deleuze e Guattari advertem que “a linguagem é caso de política antes de ser caso de linguística”.²⁷

Acontece que esses modos de vida vendidos pelo capitalismo nem sempre são saudáveis, muito pelo contrário, se formos olhar as estatísticas recentes sobre as taxas de suicídio teremos uma noção disso. Em 2014, o diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, em comunicado público, disse que 800 mil pessoas cometem suicídio todos os anos no mundo, o que equivale a uma a cada 40 segundos. Diz ainda que, entre a faixa etária de 15 e 29 anos, o suicídio já é a segunda principal causa de morte, ficando atrás somente dos acidentes de trânsito.²⁸

Acreditamos que, tal como dissemos que no movimento platônico e religioso aquilo que não se afigura como semelhança ao modelo se torna insuportável, o mesmo acontece com o processo de subjetivação capitalista. Como Guattari indica

A culpabilização é uma função da subjetividade capitalística. A raiz das tecnologias capitalísticas de culpabilização consiste em propor sempre uma imagem de referência a partir da qual colocam-se questões tais como: “quem é você?”, “você que ousa ter opinião, você fala em nome de quê?”, “o que você vale na escala de valores reconhecidos enquanto tais na sociedade?”, “a que corresponde sua fala?”, “que etiqueta poderia classificar você?”²⁹

Frente às dívidas identitárias o sujeito que não consegue se adequar ao modelo paga com o próprio sofrimento, se isola, tem vergonha de si, entra num processo de reprovação subjetiva e autossabotagem. “A segregação é uma função da economia subjetiva capitalística diretamente vinculada à culpabilização.”³⁰ O sujeito que, por exemplo, passou toda a vida idealizando atingir tal posição, digamos que a de escritor, por qual esperava ser reconhecido, a qual dizia publicamente ser o seu sonho, mas que, por incapacidade ou ironia do destino nunca fora aceito por nenhuma editora, se isolará e definhará com o tempo. Tal sujeito, em seu pesar, percebe que é adulto e precisa levar uma vida comum, um trabalho normal, contrário ao lugar intelectualizado e artístico que sonhara. Mas depois de toda a prepotência idealizada com a qual ele se mostrava, tornou-se preferível a morte. Vale destacar, nesse ponto, a etiologia masoquista moral que Freud apontou nas melancolias, sendo uma patologia na qual o Super ego (ideal do eu) pune severamente o Ego fracassado que não atinge seu ideal.³¹ Isso se aplica para qualquer sonho que se agencia aos modos narcísicos do capitalismo, que torna as pessoas em empresárias de si numa lógica de competição com o outro.

4. Paradoxo do presente com ausência de presença

Maurizio Lazzarato ressalta a importância de reativar o conceito de *antiprodução* para compreender o contexto contemporâneo.³² Este conceito nos parece bastante

²⁷ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs*. Vol. 2, p. 97.

²⁸ Os números também foram divulgados pela OMS através de relatório em seu site oficial e no site da ONU, na véspera do Dia de Prevenção do Suicídio, dia 09 de setembro de 2018.

²⁹ Guattari; Rolnik, *Micropolítica*, p. 49.

³⁰ Guattari; Rolnik, *Micropolítica*, p. 50.

³¹ Freud, *Introdução ao narcisismo*.

³² Lazzarato, *Signos, máquinas, subjetividades*.

fecundo para pensarmos as implicações decorrentes da subjetivação capitalista. Com a noção de antiprodução, Deleuze e Guattari promoveram uma ruptura em relação ao marxismo clássico, que fala apenas em produção, apontando que o processo de produção também é, no mesmo movimento, necessariamente um processo de antiprodução.³³ A produção de riqueza no capitalismo, por exemplo, destrói o planeta. Mas isso não se aplica apenas a questões "materiais".

No que diz respeito à produção-e-antiprodução de subjetividades, isso fica ainda mais evidente, uma vez que a aderência a determinada forma subjetiva suprime tantas outras maneiras de existir. Ao passo que se deseja um modo de vida, por conseguinte, deixa-se de desejar tantos outros, os quais muitos vêm a ser oposição, constituindo assim uma lógica de guerra. Tanto é que as tecnologias de poder "intervêm para fazer viver, ao mesmo tempo em que deixam morrer maneiras de existir ou admite-se até mesmo a morte de parcelas inteiras de grupos sociais."³⁴

Uma vez que, como Deleuze e Guattari ilustram, "damos às crianças linguagem, canetas e cadernos, assim como damos pás e picaretas aos operários",³⁵ ou seja, haja em vista que sobre os corpos está se operando uma produção de subjetividades capitalísticas em tamanha proporção desde a mais tenra idade, a pergunta que precisa ser colocada é: o que está se antiproduzindo com isso? "A política coletiva", responde Lazzarato, supondo que, com o advento do capitalismo neoliberal, introduziu-se na sociedade moderna uma lógica de mercado na qual os sujeitos tornam-se desiguais e individualistas.³⁶ Um governo das desigualdades, vale dizer, que consiste precisamente em fazer dos sujeitos capital e empresários de si, para que assim concorram e, com efeito, produzam mais e mais fluxos a serem tomados.

A individualidade-e-concorrência contemporânea, em sua composição com o surgimento e avanço da cibercultura (a internet como um território existencial para subjetividade), nos parece ser uma junção das mais características no nosso tempo, operando um movimento no qual o homem moderno vem confundindo o mundo com a tela do celular. No belíssimo livro *Aos nossos amigos*, o Comitê Invisível nos mostra que

Não foi o mundo que se perdeu, fomos *nós* que perdemos o mundo e o perdemos sem parar; não é ele que *em breve* vai acabar, somos *nós* que *estamos acabados*, amputados, cortados, *nós* que recusamos alucinadamente o contato vital com o real. A crise não é econômica, ecológica ou política, *a crise é antes de tudo crise de presença*. A tal ponto que o *must* da mercadoria – o iPhone e o Hummer, em geral – consiste numa aparelhagem sofisticada da ausência.³⁷

Eis o paradoxo do presente com ausência de presença: "Será que é possível imaginar o deserto humano que foi necessário criar para tornar a existência nas redes sociais desejável?"³⁸ Talvez a consequência maior disso seja aquilo que Rolnik chamou de *corpo vibrátil em coma*. Quando o homem, em sua maneira de acessar a vida, dá um privilégio às formas em detrimento das forças, isto é, quando prefere se relacionar por meio de performances e interpretações semiológicas ao invés do afeto, o resultado não é

³³ Deleuze; Guattari, *O Anti-Édipo*.

³⁴ Heckert; Da Rocha, *A maquinaria escolar e os processos de regulamentação da vida*, pp. 85-93.

³⁵ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs*, Vol. 2, p. 12.

³⁶ Lazzarato, *O governo das desigualdades*.

³⁷ Invisível, *Aos nossos amigos*, p. 35.

³⁸ Invisível, *Aos nossos amigos*, p. 142.

outro senão a gradativa perda de intensidade e a incapacidade de lidar com o caos inerente à vida, estando assim sujeitado a ressentir.

Ora, uma subjetividade cujo corpo vibrátil está em coma não tem como reconhecer a crueldade da vida como causa de seu assombro: estando restrita ao conhecimento do mundo como forma e, portanto, ao mapa da forma vigente com suas figuras e seus conflitos de interesse, para encontrar uma explicação e aliviar-se, a subjetividade projeta no outro a causa de seu assombro, atribuindo-lhe a autoria da crueldade. O assombro se transforma em medo e desamparo. Mobilizada pela experiência da crueldade, mas passada pelo crivo desta interpretação, a força de resistência, ao invés de dirigir-se à afirmação e defesa das novas formas de vida que se fazem necessárias, será dirigida "contra" o outro.³⁹

A vivência que passa pelo registro do ressentimento produz ódio, tornando o sujeito ressentido numa vítima da vida, num movimento enrijecedor que antiproduz ou impossibilita a diferenciação que poderia viabilizar uma condição mais potente. O ressentimento acaba por ser o fado daqueles que não conseguem fazer do caos um motor do novo. Mas quem quer caos, enquanto conserva, ensaia e performa um discurso e uma imagem de si para o show do Eu?

Acontece que, na incessante busca pela harmonia – na vã tentativa de evitar a crueldade da vida –, tende-se a performar para um público cada vez mais específico. Nisto, aos poucos, vai se estabelecendo uma relação de dívidas identitárias a tal ponto que todo desejo pela diferença transforma-se em culpa. O outro vira entidade, um ídolo a seguir, isso torna-se a satisfação. O outro é um espelho no qual nos refletimos para enxergar a nós mesmos, mas um espelho com consciência e que nos julga e endivida. Esse é o movimento do eu narcísico que quer ser visto e amado. Pergunta-se: "O outro é minimamente igual a mim? Não? Que tenho, então, a ver com ele? Pois que não venha me deformar!". E assim, enquanto se atua por audiência, desfalece o presente por ausência de presença.

5. Por uma [re]existência imanente

Nosso desejo é frequentemente preenchido por algo ideal, por fantasias transcendentais. O poder cria e molda a instância "Eu" em nós a partir da imposição ou oferta de ídolos-modelos aos quais nosso desejo se agencia na tentativa de imitar, havendo nesse movimento um prejuízo que, com efeito, leva à falência da imanência. Em nossa cultura essa operação do poder pode ser constatada seja no modelo de sociedade disciplinar ou de controle.⁴⁰ O preenchimento do desejo é realizado pelo capital na medida em que oferece produtos e modos de vida a desejar, ao passo que a religião preenche esse desejo com o paraíso do deus transcendente (caso o sujeito siga os mandamentos ou a lei de Deus). Cria-se no sujeito uma narrativa sobre si a partir de referências transcendentais, que estão fora dele, seja o capital através dos inúmeros ídolos da mídia, seja a religião através do poder eclesiástico.

O exercício da disciplina ainda vem sendo o modo de dominação operado pela igreja: o poder eclesiástico instala um ideal transcendente em nós para tamponar nossa

³⁹ Rolnik, *Fale com ele ou como tratar o corpo vibrátil em coma*, pp. 231–238.

⁴⁰ Deleuze, *Conversações*.

singularidade e controlar nossa subjetividade ou modo de existência num exercício de poder vinculado à práxis filosófica platônica, no qual busca-se ser a cópia perfeita à imagem e semelhança de Deus, que para os adeptos é a própria essência, e que, se não for manchada pelo pecado, pelo não cumprimento da lei ou mandamento, ganhará o reino do céu. Já a operação do controle está em toda parte, há várias maquinarias, os mais variados modos de vida sendo vendidos, inúmeros ídolos a serem consumidos e imitados, estamos em muitas esteiras subjetivas, presos em campo aberto. Nosso modo de existir vem sendo fabricado por uma máquina semiótica que interpenetra e conduz nosso desejo a agenciamentos capitalistas. Tornamo-nos concorrentes numa lógica empresarial, individualistas, e evitamos participar da política coletiva. A "vida boa" tornou-se valorada como aquela que é invejada. Vivemos numa crise de presença, na qual por gosto de performar deixamos de nos afetar.⁴¹

É de dentro deste novo cenário que precisamos pensar resistências que tornam a vida intensa, potente, livre e criadora. Tendo em vista os modos de subjetivação que se processam na atualidade, resta agora pensar: O que precisamos fazer para salvar nossa imanência? O que podemos nós, nestes tempos de des-afeto e des-politização, para suscitar novos possíveis? Por onde começar a libertação da nossa singularidade que vem sendo tamponada por camadas idealizadas do "eu"?

Acreditamos que seja necessário, antes de mais nada, remontar ao projeto nietzscheano de inverter o platonismo com uma crítica da ideia em nome do sensível. Isto é, pensar em modos de cultivar a vida com critérios ético-políticos que não levem em consideração quaisquer modelos de juízo transcendente ou morais, mas, ao contrário, critérios de intensidade e imanência que partem do reconhecimento de que não na conservação, mas na diferenciação se fortalece a vida. E para remontar a esse projeto filosófico, usaremos sobretudo as filosofias de Deleuze e Guattari, que, em *O que é a filosofia*, afirmam:

Não temos a menor razão para pensar que os modos de existência tenham necessidade de valores transcendentais que os comparariam, os selecionariam e decidiriam que um é "melhor" que o outro. Ao contrário, não há critérios senão imanentes, e uma possibilidade de vida se avalia nela mesma, pelos movimentos que ela traça e pelas intensidades que ela cria, sobre um plano de imanência; é rejeitado o que não traça e nem cria. Um modo de existência é bom ou mau, nobre ou vulgar, cheio ou vazio, independente do Bem e do Mal, e de todo valor transcendente: não há nunca outro critério senão o teor da existência, a intensificação da vida.⁴²

Deleuze é um pensador que se vale de Nietzsche para afirmar que a filosofia platônica é a expressão de uma patologia que busca constantemente a fuga para o irreal.⁴³ Nietzsche foi o pensador mais destacado a se empenhar em mostrar que muitos valores morais que se interpõem entre o homem e o mundo são nocivos à vida. A tradição socrático-cristã, sobretudo, fora alvo recorrente das marteladas de sua filosofia, sob o pressuposto de que trata-se de uma tradição que deprecia a vida e despreza o corpo num processo que torna os homens fracos e afastados daquilo que podem efetivamente realizar. Para Nietzsche, "a cegueira diante do cristianismo é o delito por excelência

⁴¹ Lazzarato, *O governo das desigualdades*.

⁴² Deleuze; Guattari, *O que é a filosofia*, p. 90.

⁴³ Dosse, *Gilles Deleuze & Félix Guattari*, p. 131.

contra a vida",⁴⁴ uma vez que a noção de alma fora inventada para desvaler o corpo, bem como o "mundo verdadeiro" da metafísica fora forjado para os homens desprezarem o único mundo que existe em proveito de um suposto "além".

Esses ideais ascéticos – entre outros que foram buscados nas alturas com o bater de asas platônico – afastam o homem do mundo sensível, que, na visão de Nietzsche, é o mundo real. Tanto é que Zaratustra, ao modo dos cínicos, não pestaneja em falar ao próximo: "há mais razão em teu corpo do que em tua melhor sabedoria".⁴⁵ Todavia, do mesmo modo que não é o poder que é ruim, mas determinadas relações de dominação, aqui precisamos dizer que não é a moral que é negativa para Nietzsche, mas sim aquelas nocivas, as apequenadoras da vida.

A historicidade dos valores, para Nietzsche, longe de ter fundamentação divina ou metafísica, é uma construção humana que precisa ser criticada a fim de que surjam valores afirmativos da vida. A este procedimento de análise das morais e inversão dos ideais mortícios, Nietzsche chamou de *transvaloração dos valores*, que consiste no exercício de suprimir o solo no qual os valores negativos foram engendrados até então, em um movimento que o homem torna-se criador de si mesmo com a coragem de erigir novos valores voltados para a afirmação e, com efeito, intensificação da vida.

Aquele que suprime o solo dos valores e, por conseguinte, desprende-se, é o *espírito livre* capaz de fazer a difícil travessia de querer viver por experiência. Afinal, para Nietzsche, o homem é uma ponte entre o animal e o além do homem, e somente pode alcançar o outro lado – e vir-a-ser *Übermensch* – o espírito livre que desprende-se do solo e reconhece a si mesmo como travessia. A práxis ética da filosofia de Nietzsche pode ser tomada como o seguinte processo: a constante resistência aos modos de vidas enrijecidos; a inversão dos valores mortícios; e, enfim, o desprendimento que possibilita a travessia que leva à superação do homem.

Já Deleuze, herdeiro da filosofia nietzschiana, sugere à sua maneira uma ética que "pode ser compreendida através de dois movimentos que implica resistência e reinvenção".⁴⁶ O conceito de *linhas de fuga*, entre o vasto repertório conceitual de Deleuze, pode ser tomado como aquele que melhor define a orientação prática de sua filosofia.⁴⁷ Para ele, toda realidade é composta por "linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação".⁴⁸ A linha de fuga é um movimento do processo desejante que escapa das significações dominantes, das idealizações, dos regimes de signos estratificados que capturam e aprisionam a vida em uma determinada forma através de uma ordenação estabelecida.

Traçar linhas de fuga é a prática de vida que Deleuze sugere para o homem resistir e ser criador de si mesmo, mas essa tarefa não é simples, não é algo que possamos fazer de um dia pro outro, uma vez que tem como desafio escapar precisamente do apego que temos aos ideais que usamos para montar a imagem que temos de nós: uma imagem que tenta imitar o ídolo, que busca ser a imagem e semelhança de um Deus transcendente, uma imagem tão confeccionada por e para uma lei exterior que nos faz perder de vista

⁴⁴ Nietzsche, *Ecce homo*, p. 127-129.

⁴⁵ Nietzsche, *Assim falou Zaratustra*, p. 35.

⁴⁶ Viesenteiner, *Deleuze, ética como resistência e reinvenção*, pp. 283-296.

⁴⁷ Zourabichvili, *O vocabulário de Deleuze*, p. 29.

⁴⁸ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs. Vol. 1*, p. 18.

nossa singularidade que fica abafada sob as idealizações que vestimos para nos apresentar como “Eu”.

Apostamos nas filosofias de Nietzsche e Deleuze porque elas investem no projeto de um acesso não conceitual à existência,⁴⁹ alertando que a vida precisa ser experimentada criativamente⁵⁰ ao invés de ser interpretada, considerando que aqueles que buscam compreender excessivamente o acontecimento – aqueles que anseiam ver com clareza tudo o que se passa –, além de correr o risco de uma codificação severa, acabam por se tornar ressentidos e vítimas da vida. Por isso, Nietzsche fala em termos de destruição, de quebrar os ídolos, de tornar ruína o solo dos valores que aprisionam o homem em uma forma de vida mortífera. Deleuze, por sua vez, diz em termos de evasão, de escapar dos códigos, de fugir dos segmentos duros que tornam a vida enrijecida.

Conclusão

Explorar a singularidade, conceito originalmente da física e da matemática, não significa buscar fórmulas tomando de empréstimo noções de ciências exatas, mas, antes, tentar tocar precisamente naquilo que a ciência jamais poderá medir ou prever, isto é, o puro devir, imanência absoluta. A singularidade no pensamento do sujeito é o próprio elemento que parte do campo de forças e se atualiza ou encarna no plano de imanência do sujeito.

Com Nietzsche, Foucault, Deleuze, Guattari e Lazzarato, entendemos que o problema ao qual o processo de singularização deve enfrentar não é o poder, mas as relações de dominação dele; que o problema não é a moral, mas determinadas morais apegadoras da vida; que o problema não são os signos, mas as palavras de ordem que os determinam; que problema não é o Eu, mas determinado modo identitário de o confeccionar. Entendemos que algumas morais, a exemplo da cristã, não são senão roupagens que buscam um suposto melhoramento do homem escondendo sua “animalidade” ou “pecado”. Acontece que, pela quantidade de palavras de ordem amarradas socialmente, algumas morais acabam por tornar a existência rígida. As camadas transcendentais, os modelos exteriores que usamos para confeccionar o “eu”, que usamos para imitar os ídolos, a máscara que usamos para ser a imagem e semelhança de Deus, todas essas faces vêm a tamponar o fluxo de nossa singularidade ou plano de imanência.

O sujeito é o que o poder produz através da identidade ou processo de individuação, uma estrutura feita de representações codificadas pela dominação do poder. O poder para processar a subjetividade do sujeito gerencia as políticas do ego à imagem e semelhança dos ídolos. O ego ou eu é construído à imagem e semelhança de algum referencial que está fora, que é transcendente, uma moral, uma ideologia, imagem que o indivíduo tenta imitar para tornar-se unidade. Por essa razão Deleuze e Guattari vão falar sempre de assignificante, impessoal ou pré-individual, o que não é estratificado, sendo mais fluxo e força pura.

⁴⁹ Cf. Viesenteiner, *Nietzsche e Deleuze*, pp. 187-204.

⁵⁰ Cf. Nietzsche, *Assim falou Zaratustra*, p. 82: “Criar – eis a grande libertação do sofrer, e o que torna a vida leve”.

Cuidemos para que a falta não torne-se lei; para que o desejo parta de nossa singularidade interior ou imanência absoluta; para que o verbo do meio não se prenda ao sujeito do fim; para que o devir jamais se fixe numa forma permanente; para que a dança e fluidez de Dionísio não perca seu movimento na pose estática de Apolo; para que nosso pensamento não se ajoelhe à estátua do ego; para que todos os tronos e pedestais caiam sob o fogo de Heráclito, tornando possível, enfim, que sejamos senhores de nós. Cuidemos de nós, caso contrário alguém cuidará, e frequentemente o suposto cuidado do outro não é senão um disfarce para acessar nossa fragilidade e controlar nosso sofrimento e gozo.

Referências

- DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... Trad. Tomaz Tadeu. *Educação & realidade*, v. 27, n. 2, pp. 10-18, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs Vol. 1*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs Vol. 2*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs Vol. 5*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Esquizofrenia e Capitalismo*. Trad. Luiz Orlandi. São Paulo: 34, 2010.
- DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- DOSSE, François. O Deleuzismo: uma ontologia da diferença. In: *Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Trad. Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994.
- FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- HECKERT, Ana Lucia Coelho; ROCHA, Marisa Lopes da. A maquinaria escolar e os processos de regulamentação da vida. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, pp. 85-93, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24nspe/13.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2016.
- INVISÍVEL, Comitê. *Aos nossos amigos: crise e insurreição*. Trad. Edições Antipáticas. São Paulo: n-1, 2016.
- MADERUELO, Javier. *La pérdida del pedestal*. Madrid: Cuadernos del Círculo, 1994.

LAZZARATO, Maurizio. *O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal*. Trad. Ana Bigotte Vieira, Miguel Castro Caldas e Nuno Leão. São Carlos: EdUFSCar, 2011.

LAZZARATO, Maurizio. *Signos, máquinas, subjetividades*. Signs, machines, subjectivities. Trad. Paulo Oneto. Edição bilíngue. São Paulo: n-1/Sesc, 2014.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política, livro I: O processo de produção do capital*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ROHDEN, Huberto. *Roteiro Cósmico*. São Paulo: Alvorada, 1985.

ROLNIK, Suely. "Fale com ele" ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda (Org.). *Corpo, arte e clínica*, 2004. pp. 231-238.

VIESENTEINER, Jorge. Deleuze: ética como resistência e reinvenção. In: SGANZERLA, Anor; FALABRETTI, Ericson; BOCCA, Francisco. (Orgs.). *Ética em Movimento*. São Paulo: Paulus, 2009. pp. 283-296.

VIESENTEINER, Jorge. Nietzsche e Deleuze: sobre a arte de transfigurar. *Discusiones Filosóficas*, v. 12, 2011, pp. 187-204.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: IFCH-Unicamp, 2004.

SOBRE O AUTOR

Gerson Bonfá Júnior

Psicólogo Clínico, Escritor e Professor no Centro Universitário do Espírito Santo (UNESC). Mestre na linha de Subjetividade, Saúde e Clínica pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. *E-mail:* bonfajunior@gmail.com.